

# **ASPECTOS RELEVANTES A UMA ABORDAGEM CRISTÃ DAS TRANSGENERIDADES**

**Larissa Michelle Perdigão-Nass**

Doutora em Ciências  
Universidade de Brasília  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7519407254286495>  
Orcid: 0000-0002-2676-9796  
E-mail: [perdigao@unb.br](mailto:perdigao@unb.br)

**Michelle Zampieri Ipolito**

Doutora em Ciências  
Universidade de Brasília  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1226778806999882>  
Orcid: 0000-0001-5017-8286  
E-mail: [ipolito@unb.br](mailto:ipolito@unb.br)

**Ensaio Teórico**

**Recebido em: 07 de Setembro de 2023**

**Aceito em: 06 de Novembro de 2023**

## **RESUMO**

Os conceitos de gênero e de sexualidade são indissociáveis do conjunto de valores definido pela moralidade cultural de cada sociedade. Assim, pensar religiosamente o gênero é uma das missões mais desafiadoras da contemporaneidade. Nesta pesquisa bibliográfica e documental, compilou-se aspectos que as Escrituras e a literatura de Teologia e de Ciências da Religião evidenciam como relevantes a uma abordagem cristã das transgeneridades. Abordou-se o desenvolvimento do *ethos* bíblico, que foi, sucessivamente, opondo-se à fruição do prazer e crescentemente controlando os corpos. A percepção de que os princípios fundantes do cristianismo respeitam a natureza do ser humano tal como Deus a concebeu implica necessidade de revisão dos fundamentos da Palavra e da Obra de Deus. Foram examinados os Evangelhos, interpretações gnósticas sobre igualdade de gênero e escritos do Papa Francisco, até chegar-se a apelos pela aplicação do “princípio misericórdia” e pela cessação de que cristãos persigam grupos minoritários como foram perseguidos nos primeiros séculos da era cristã. Revisitando a Obra de Deus, percebe-se que as transgeneridades também existem em outras espécies e que alguns elementos das transgeneridades são ônticos, sendo, portanto, validados pelo Criador. Por outro lado, tantos outros elementos da expressão de gênero são meramente culturais, estando abaixo do radar das exigências da fé cristã. Depois de abordar formas de abertura da Igreja, o texto conclui que rever os fundamentos da Palavra e da Obra de Deus é ação eficaz e precisa continuar, em prol de um cristianismo que efetivamente seja cristão com todos e para todos.

**Palavras-chave:** Teologia. Cristianismo. Transgeneridades.

## ***RELEVANT ASPECTS TO A CHRISTIAN APPROACH TO TRANSGENDERISMS***

### **ABSTRACT**

The concepts of gender and sexuality are inseparable from the set of values defined by the cultural morality of each society. Thus, contemplating gender from a religious perspective is one of the most challenging missions of contemporary times. In this bibliographical and documentary research, various aspects relevant to a Christian perspective on transgenderisms were compiled from Scriptures and the literature of Theology and Religious Studies. The development of the biblical *ethos* was delved, development which has successively opposed the pursuit of pleasure and increasingly sought to control human bodies. Recognizing that the foundational principles of Christianity respect the nature of human beings as conceived by God implies the need to reevaluate the foundations of God's Word and Work. We examined the Gospels, Gnostic interpretations of gender equality, and the writings of Pope Francis, ultimately arriving at calls for the application of the "principle of mercy" and for Christians to cease persecuting minority groups, as they themselves were persecuted in the first centuries of the Christian era. Upon revisiting the Work of God, one realizes that transgenderisms also exist in other species and that some elements of transgenderisms are ontic, thus validated by the Creator. Conversely, many aspects of gender expression are purely cultural and do not conflict with the tenets of the Christian faith. After discussing forms of openness within the Church, the text concludes that an ongoing review of the foundations of God's Word and Work is an effective action, which advocates for a Christianity that is genuinely Christian for everyone and by everyone.

**Keywords:** Theology. Christianity. Transgenderisms.

### **INTRODUÇÃO**

Os conceitos de gênero e de sexualidade são indissociáveis do conjunto de valores definido pela moralidade cultural de cada sociedade. Pensar religiosamente o gênero, especialmente no contexto da sexualidade, é uma das missões mais desafiadoras da contemporaneidade, especialmente pelo desafio de debruçar-se sobre as questões do debate atual ante o fundamento histórico da cultura religiosa sobre o assunto. Entretanto, como o tema vem ganhando relevância cultural e social, a discussão acaba desembocando no aspecto religioso. E, de fato, por razões abordadas ao longo deste texto, a abordagem do gênero e da sexualidade precisa ser considerada pela ótica da cultura religiosa (Andreato, 2021).

O psicólogo e doutor em Teologia Ocir de Paula Andreato publicou, pela Editora InterSaberes, a obra *Religião, Gênero e Sexualidade: fundamentos para o debate atual* (2021). Seu livro traz uma rara riqueza de argumentos em prol de uma ética religiosa

inclusiva da sexualidade, no contexto de uma teologia inclusiva. De forma alguma, a intenção do autor, assim como a nossa intenção, poderia ser a de determinar um rumo a ser seguido por qualquer que seja a religião. Giumbelli (2005), entre tantos outros, reconhece que nenhuma religião é monolítica, e que cada uma delas abriga questões e dilemas potencialmente úteis para a reflexão sobre problemas postos para movimentos sociais não religiosamente comprometidos.

No contexto de uma linha de pesquisa em Teologia Prática e Novos Movimentos Religiosos, podem ser inseridas potenciais produções que versem sobre teologia inclusiva, como é o caso do presente texto. Porém, uma vez que a nossa produção, visando ter profundidade e relevância acadêmica, há de apresentar um recorte mais específico no tempo e no espaço ante a área de pesquisa mais geral, não poderíamos ter a mesma pretensão de Andreatta (2021), que escreveu mais de 200 páginas. Faremos, assim, alguns recortes: um foco maior no cristianismo ante outras religiões e uma atenção maior às transgeneridades, buscando um diálogo com a obra de Andreatta (2021) e outras relevantes à temática. Em consonância com o Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Cazal e Reis (2021, p. 16-17), entendemos que a palavra *transgeneridades*, no plural, engloba, também, transexualidades, travestilidades e outras formas de expressão de gênero alternativas.

No contexto de uma teologia inclusiva, que considera gênero como construção cultural moldada por natureza ontológica, tal como argumenta Andreatta (2021), a pergunta de pesquisa versa sobre que aspectos a literatura de Teologia e áreas afins evidenciam como relevantes a uma abordagem cristã das transgeneridades.

Como muito bem coloca Andreatta (2021), o fenômeno do gênero manifesta-se na vivência da sexualidade, a qual é moldada pela cultura. A sexualidade, porém, é uma essência ôntica da alma humana, ou seja, ela fundamenta o ser, o existir humano. Isso implica que a sexualidade se encontra na mesma ordem e no mesmo valor que o sagrado, e que ambos, sexualidade e sagrado, formatam a cultura ao longo do tempo e do espaço históricos. A decorrência, diz o mesmo autor, é a de que a abordagem do gênero e da sexualidade precisa ser considerada pela moldagem da cultura religiosa, como já destacamos anteriormente.

Se esta justificativa ampla resume bem o objetivo dos escritos de Andreatta (2021), havemos de concluir que, uma vez que este será um dos principais autores a guiar nosso

trabalho de maneira transversal e em nível geral, só nos resta justificar a escolha de uma temática tão específica dentro de um contexto mais amplo de religião e sexualidade. A opção pelo cristianismo, como já mencionado, dá-se em função de ser a fé majoritariamente enfocada por aquele autor em sua obra. De fato, Andreato (2021, p. 196) aponta que os fundamentos empregados na compreensão de conceitos e ideias ligadas a gênero e a sexualidade no âmbito das igrejas cristãs é essencialmente o mesmo em função de serem ramificações que se originam de uma mesma tradição teológica. A Reforma Protestante do século XVI, nessa visão, trouxe poucas alterações e, portanto, o presente trabalho buscou validade transversal no contexto do cristianismo.

A opção por tratar das transgeneridades com especial atenção se dá em função da reduzida exploração do tema na literatura ante, por exemplo, a abordagem cristã da homossexualidade. Mais do que isso: dá-se em função dos desafios particulares impostos pelas transgeneridades ante o dimorfismo sexual que, como mostra Gudorf (2001), predomina como conceito nas principais religiões do mundo a despeito, inclusive, da existência de uma diversidade anatômica natural ampla. E o dimorfismo impacta menos a homossexualidade do que as transgeneridades, já que o prefixo “homo” acaba por fazer referência a um mesmo sexo biológico ou a um mesmo gênero entre os dois predominantes, diferentemente das transgeneridades, que frequentemente rompem o dimorfismo.

O objetivo geral da presente pesquisa é o de compilar, em uma pesquisa bibliográfica e documental, aspectos que a literatura de Teologia e áreas afins evidenciam como relevantes a uma abordagem cristã das transgeneridades. Parece inevitável, porém, que haja referências a outras formas minoritárias de expressão sexual e de gênero nesta trajetória.

Entre os objetivos parciais, específicos, que nos permitirão alcançar o objetivo geral estão:

- explorar elementos fundantes da tradição judaico-cristã, em busca de compreender o *ethos* bíblico, verificando de que forma a cultura de cada época foi, sucessivamente, moldando a tradição;

- executar pesquisa em documentos e em textos de estudiosos da religião e de áreas afins, buscando selecionar aspectos que possam contribuir para uma abordagem cristã das transgeneridades, sempre em prol de revisitar o exemplo e a Palavra de Cristo;

- discutir a Obra de Deus, ou seja, a natureza como ela é, visando evidenciar que a Criação também é uma expressão da Sua Vontade em relação a esta temática;
- buscar, à guisa de conclusão, iluminar passagens mais relevantes do texto, no contexto contemporâneo de sexualidades e generidades mais polimórficas, mais frequentemente alternativas, sob o olhar de uma teologia inclusiva, cristã.

A metodologia adotada neste estudo é a pesquisa bibliográfica. Esta técnica faz uso de dados e informações de fontes, especialmente escritas, que permitem ao pesquisador colocar-se em contato com aquilo que já se explorou sobre o mesmo assunto (Prodanov; Freitas, 2013). Portanto, as fontes são o suporte dos dados que permitem alcançar o objetivo de pesquisa. Neste caso, são usadas fontes escritas, como artigos da literatura. Ademais, ainda que possa ser mera técnica auxiliar em um conjunto de processos empregados em um trabalho, a pesquisa bibliográfica também pode estruturar isoladamente a metodologia de uma pesquisa (Beuren, 2013), exatamente como no presente estudo.

## **ELEMENTOS FUNDANTES DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ**

Andreata (2021) mostra que a tradição judaico-cristã tem um histórico de crescente contraste com outras religiões quanto à centralidade do sexo, bem como de crescente confronto com o “natural”. Em liturgias de outras religiões e culturas, é comum a ritualização do sexo em prol da fertilidade vegetal e animal, nos chamados ritos de fertilidade, algo que a teologia do *ethos* bíblico – *ethos* que, segundo Andreata (2021, p.10), inclui, ao lado do cristianismo e do judaísmo, o islamismo – abandonou. Essa tradição também mostra crescente oposição à poligamia, seja a verificada na própria natureza, com animais e vegetais, seja a exercida por outras culturas.

Nem sempre foi assim. Tanto é verdade que, como mostra Andreata (2021, p. 10), a Bíblia Sagrada, no Antigo Testamento, contém posições mais abertas sobre o erotismo e sobre a sua integração com o prazer sexual, como nos Livros Poéticos e de Sabedoria. A mudança é notável dali para o Novo Testamento, em que o desejo e o prazer ganham um olhar negativo, moralista, restritivo. Nas palavras de Andreata (2021, p. 213), “o prazer foi cerceado de sua liberdade pela ética para uma moralidade muito além do natural”.

Essa origem mais aberta ao prazer verificada no *ethos* bíblico andou compassada com a tradição grega na era pré-cristã. Veja-se o que dizia o pré-socrático Heráclito: “Para o Deus, tudo é belo e bom e justo. Os homens, porém, tomam umas coisas por injustas, outras por justas” (Heráclito, 1991, p. 85). Portanto, havia uma concepção divina muito mais positiva, generosa, aberta à natureza, ou seja, aberta à Sua criação, em contraste com certa mesquinhez dos seres humanos. Isso mudou com Sócrates, Platão e, especialmente, Aristóteles. Andreata (2021, p. 52-53) lembra que, para Aristóteles, a virtude máxima do sujeito adviria da sua capacidade de se autonormatizar pelo comedimento. Ademais, Andreata (2021, p. 211) aponta que as éticas gregas foram crescentemente valorizando os prazeres intelectuais e, em contrapartida, desvalorizando os prazeres corporais.

Calligaris (2019a), psicanalista erudito com vasto conhecimento da filosofia medieval, observa que, no seu primeiro milênio, os cristãos reduziram o ideal greco-romano de autocontrole a um objetivo de controle do desejo sexual. A lista de autores cristãos de Calligaris (2019a, 2019b) é grande e este psicanalista identifica todos eles como pessoas frustradas com seus corpos e seus desejos sexuais, mas bem-sucedidos em transformar suas necessidades de se reprimir em um grande ideal do cristianismo. Dentre eles, Calligaris (2017), devidamente fundado em texto de Stephen Greenblatt, destaca Santo Agostinho.

Sem dúvida, isto contrasta com a própria sexualidade de Jesus, que Calligaris (2019a) mostra não poder ser alvo de hipótese plausível diante do que se conhece sobre ele. Em outras palavras, os autores do primeiro milênio cristão são os alicerces de um cristianismo que reprime a sexualidade, em contraste com Jesus, sua história e seus ensinamentos. Mas houve cristãos que, talvez por um afastamento da tradição grega, fruíram mais destes ensinamentos: Calligaris (2019b) enxerga na Antiguidade o gnosticismo como uma forma de conciliar Cristo e hedonismo. Os gnósticos, como se sabe, foram vencidos pela corrente majoritária, proto-ortodoxa, das doutrinas do Credo Niceno e da Patrística, sendo considerados hereges, porém, sua forma de enxergar as questões de gênero sob um olhar genuinamente cristão são notáveis, como muito bem mostra Alexandrina (2015).

Como pôde a repressão a algo tão natural, a negação de algo tão atinente à Obra mesma de Deus, ter se tornado a corrente majoritária, às vezes imposta, por mais de um milênio e meio? Andreata (2021, p. 35) aponta que a tradição cristã é fundada na crença,

em contraste com outras religiões e culturas, como muitas das orientais, que se fundam na prática. Ora, tais visões e fundações são, na verdade, inseparáveis. No que tange ao cristianismo, foi o próprio Cristo quem nos ensinou pelo exemplo, evidenciando a centralidade da prática. Não se pode, portanto, hierarquizar crença e prática no que se refere a viver uma vida em Cristo.

Também é inequívoco que, em seu início, a Igreja era muito mais inclusiva e, em lugar de impor restrições a comportamentos fartamente encontrados no mundo natural, isentava os fiéis de cumpri-las, se existentes em outras religiões. Um exemplo é o da circuncisão, ritual mantido no judaísmo e no islamismo – que, afinal, são duas religiões que também reconhecem Abraão –, mas abandonado pelo cristianismo. Como nos mostra Llabrás (2023), foi São Paulo quem primeiro percebeu que essa exigência ritualística impediria o crescimento da religião nascente, já que as pessoas não judias tinham uma imagem negativa dessa prática, considerando-a uma forma de castração – o que, em última instância, seria uma negação do prazer. Ao isentar os cristãos da prática, São Paulo não apenas garantiu mais fiéis: também sinalizou que o cristianismo não é uma religião que denega o prazer responsável.

Se é perceptível que os princípios fundantes do cristianismo respeitam a natureza do ser humano tal como Deus o concebeu, Andreato (2021, p. 232), então, advoga por um retorno, uma revisão dos fundamentos da Palavra de Deus. Afinal, o Evangelho é “paz, amor e graça” (Andreato, 2021, p. 190). Para além dessa revisão que vise incluir a prática, os ensinamentos pelo exemplo, acrescentamos, aqui, uma revisão da própria Obra de Deus: a natureza que nos cerca e da qual somos parte. Em outras palavras, a exegese haveria de ser reconsiderada não apenas em relação à Bíblia, mas também em relação à realidade da Sua Obra. Afinal, quando falamos de natureza, falamos também do ser humano tal como concebido por Deus, com suas características biológicas e psíquicas, suas necessidades e desejos.

Note-se, porém, que esta missão não é fundamental ou elementar. Como aponta Soares (2016, p. 140), há um embate entre a Teologia e as Ciências da Religião, mas, se estiver aberta a visitar suas bases, a Teologia, não apenas Fundamental, mas também Dogmática, há de reconhecer “a condição e os condicionamentos radicalmente humanos do acesso à fé cristã” com o auxílio das Ciências da Religião.

## A PALAVRA E A PRÁTICA DE CRISTO REVISITADAS

Pensando inicialmente apenas nos gêneros masculino e feminino, ou seja, ainda sem discutir o dimorfismo, um primeiro elemento que podemos observar é a hierarquização da generidade estabelecida pela corrente do cristianismo que se tornou majoritária no século IV, tendo como possível marco o Credo Niceno, doutrina adotada no Primeiro Concílio Ecumênico, em 325. Alexandrina (2015) aponta que a tradição ortodoxa fez de Pedro a testemunha primeira da ressurreição de Jesus, mas que tanto os Evangelhos de João (20, 11-18) como de Marcos (16, 9-11) afirmariam que a primeira testemunha fora Maria Madalena, não Pedro. Alexandrina (2015) evidencia o que aconteceu depois disso: Maria Madalena passou de alguém que tinha uma imagem próxima à de uma apóstola para mera prostituta arrependida; Pedro passou a representar o papado, a liderança do catolicismo.

Mesmo algumas correntes gnósticas – não havia uniformidade no conjunto de correntes assim denominadas – representavam Deus por uma imagem feminina, havendo, também, a representação divina como de Sofia, a Sabedoria, em imagem também feminina. Ademais, mesmo no mundo terreno, nas diversas vertentes do gnosticismo, havia uma participação significativa de mulheres, inclusive em funções de liderança e autoridade nessas comunidades cristãs (Alexandrina, 2015). Se assim agiam, era pela inexistência de constrangimentos ao feminino, fosse nas Escrituras veterotestamentárias, fosse na própria lição de Cristo.

Antes disso, houve muitas outras figuras femininas a marcar de forma positiva a caminhada do povo de Israel. Lembremo-nos, com o auxílio de Fernandes (2015), de duas: Séfora e Rute. Séfora foi uma mediadora capaz de salvar Moisés e o seu filho da morte, o que garantiu a sobrevivência da linhagem dos libertadores dos filhos de Israel. Rute, por sua vez, foi protagonista em garantir que Davi fosse rei e, assim, pudesse consolidar a unificação de Israel.

O que explicaria essa reversão tão profunda da igualdade de gênero e do respeito ao feminino no cristianismo? Aderir ao patriarcalismo predominante nas principais civilizações da Antiguidade Ocidental, a grega e a romana, pode ter sido uma opção da Igreja em prol de sua própria sobrevivência e da sobrevivência do cristianismo. Trata-se de hipótese presente no Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Casal e Reis (2021, p. 28). A questão é que o resgate histórico da igualdade de gênero que permeava



o cristianismo em função do próprio exemplo de Cristo deixou de ser feito, mesmo após a consolidação da Igreja, ou seja, mesmo depois do fim dessa possível justificação. Há, assim, uma necessidade de revisitarmos os ensinamentos que Jesus nos deixou. Isto vem sendo feito, como veremos mais adiante, pelo Papa Francisco.

Podemos começar a abordagem dos exemplos de Jesus no campo da sexualidade e da generidade com uma observação importante, recentemente destacada, da Igreja Anglicana: se Jesus era solteiro, não há nenhum problema em sermos, cada um de nós, também. Evidentemente, a Igreja Anglicana está mais avançada nas ações de igualdade de gênero que a Igreja Católica, com mulheres podendo ser ordenadas bispas desde 2014 (Igreja [...], 2023). Mas a Igreja Anglicana é cristã e não há de se duvidar dos profundos debates teológicos que hão de ter subsidiado mudanças tão sensíveis. De fato, reverter crenças é difícil, mas deve prevalecer o que é a verdadeira vontade de Deus.

Evidentemente, não podemos deixar de reconhecer que há correntes que desacreditam que Jesus tenha sido solteiro. A onipresença de Maria Madalena na vida de Jesus faz estudiosas como De Tommaso (2006) acreditarem que, se Jesus foi casado, Maria Madalena foi a sua parceira. Esta mesma autora encara com muita seriedade os mitos que envolvem a imagem de Maria Madalena. O mais pertinente às discussões do presente texto é dizer que era ela, Maria Madalena, a mulher que, por exemplo, teria secado os pés de Jesus com seus cabelos, além de beijá-los sem cessar (Lucas 7, 36-50), em uma imagem de feminilidade, de sexualidade, que correntes teológicas posteriores haveriam de associar ao pecado. O que nenhuma exegese explica é como Jesus teria permitido a consumação de um pecado diante Dele, tendo Ele participado como personagem, tendo Ele colocado o comportamento feminino como o exemplo a ser seguido. Torna-se evidente que não se pode atribuir qualquer pecado nessa e em tantas outras passagens bíblicas, especialmente do Evangelho, relacionadas ao gênero feminino.

Avancemos mais na Palavra e no exemplo, mas ainda sem abordar as transgeneridades diretamente. Leers (1988) nos lembra de que inexistente qualquer referência à homossexualidade nos Evangelhos. Nada se fala sobre isto. Este fato é significativo porque, afinal, havia uma condenação rabínica clara e intensa da homossexualidade na época. E, afinal, todas estas realidades, inclusive as transgeneridades, sempre existiram na História. Andreato (2021, p. 198-199) nos lembra:

“antes da eclosão das transformações atuais, atrás dos discursos eclesiásticos, políticos e educativos, a realidade sempre foi outra”.

Jesus incorporou, em sua própria prática, uma fração muito expressiva da tradição judaica, mas a questão da homossexualidade não lhe foi particularmente notável. A conclusão a que Leers (1988) parece querer nos levar é a de que, se Jesus era um judeu exemplar, e a tradição judaica colocava-se em tão ferrenha oposição à homossexualidade, se concordasse com essa perseguição, Jesus haveria de ter assumido e espalhado, também, sua posição pela condenação desse comportamento e das pessoas que o manifestavam. Note-se que Jesus também fez o oposto: criticou muitas práticas e costumes de sua cultura e de sua religião. Inúmeras vezes, reconhece Andreatta (2021, p. 224), Jesus opôs-se à “tradição machista de seus contemporâneos em favor de desfavorecidos, vulneráveis e pecadores”. Porém, é importante reiterar: Ele não o fez em relação à homossexualidade. Em outras palavras: se Jesus não abraçou esse comportamento – e dificilmente o teria feito –, tampouco o condenou.

Leers (1988) segue tratando do exemplo de Cristo, agora de forma mais geral, mas em aspectos que podem ser interpretados como favoráveis a uma tolerância cristã a todas as pessoas, inclusive as pessoas transgêneres: oposição a discriminações sociais; assunção da defesa dos marginalizados; amor incondicional do humano pelo humano. Aqui, cabe uma observação sobre o emprego do adjetivo *transgêneres*: ainda que não seja de uso corrente, trata-se de opção linguística favorecida pela existência de outra palavra com a mesma função sintática e sufixo: *congêneres*, a qual, como adjetivo, é flexionada em número, mas não em gênero. Não se trata, portanto, de uso de linguagem neutra por novação lexical pura, sem fundamentação na própria estrutura do idioma.

Especificamente sobre delitos do campo da sexualidade, Leers (1988) destaca dois casos presentes nos Evangelhos: em relação à mulher adúltera (João 8, 1-11), Jesus não condenou; quanto à mulher de má fama, precisamente a que secou os Seus pés com os cabelos, mencionada há pouco (Lucas 7, 36-50), Cristo a perdoou. O exemplo cristão, afinal, era o do amor de Deus, infinito e para todos, e o do amor humano, solidário, em prol de uma convivência social livre de preconceitos e de discriminações. Em Mateus 7, 1-2, está clara a Palavra de Cristo: “Não julguem para não serem julgados, pois vocês serão julgados pelo modo como julgam os outros”.

Mas há mais. Em Mateus 19, 12, Jesus observa que “alguns nascem eunucos, alguns foram feitos eunucos por outros e alguns a si mesmos se fazem eunucos por causa do reino dos céus. Quem puder, que aceite isso”. Portanto, mostra-nos Ele, independentemente da forma como a pessoa se apresenta ou da história pessoal que a leva a mostrar-se como tal, todas essas pessoas podem acessar o Reino dos Céus (Peres, 2021). Trata-se de um ensinamento que vai além da metáfora de defesa do celibato, como habitualmente a literatura teológica aponta, mas também busca ensinar a cessarmos a diferenciação de pessoas com base na origem da sua modificação corporal.

Andreato (2021, p. 219-221), com base em trabalho de Paul Ricoeur, mostra que a tradição judaico-cristã hipervaloriza o conceito de culpa, que tende a uma subjetividade, ou seja, tende a individualizar a simbologia do ser humano preso a um fardo opressivo ante a perfeição do divino. Jesus se opõe a isso. Em Mateus 11, 29-30, Ele diz “Tomem sobre vocês o meu jugo. [...] Meu jugo é fácil de carregar, e o fardo que lhes dou é leve”. Ademais, em João 8, 36, Ele assegura, “se o Filho os libertar, vocês serão livres de fato”, mais uma vez em oposição a esse pesado sentimento de culpa que o cristianismo foi desenvolvendo ao longo do tempo. No contexto do presente trabalho, o que se tem no lugar da fruição do prazer da sexualidade e da generidade é “pecalização do desejo, renúncia ao corpo e negação do prazer” (Andreato, 2021, p. 221).

Kreuz (2020), com base em diversos estudiosos das Ciências da Religião, advoga que a fé cristã não deve ser reduzida à moral humana. Se, como dissemos há pouco, Cristo aceitou tantos comportamentos da cultura em que esteve imerso, mas também rejeitou outros tantos, é porque Ele identificou, nestas últimas práticas, uma moral humana nociva. A fé há de ser maior que a moral, e Jesus nos mostrou isso. A vida vivida sob uma sexualidade ou uma generidade alternativas, não majoritárias, são frequentemente julgadas negativamente pela moral humana, mas não há de ser assim sob a fé cristã: o exemplo de Cristo, definitivamente, afasta qualquer possibilidade nesse sentido. Para Ele, todas as pessoas hão de ser aceitas como são.

Kreuz (2020) lembra dos ensinamentos do Papa Francisco, cujo papado vem se notabilizando, exatamente, por essa revisita à Palavra e ao exemplo de Cristo. Francisco bem colocou que, antes de haver uma generidade ou uma sexualidade alternativa em alguém, há, ali, uma pessoa, inteira, digna, uma pessoa que se define por muitos mais elementos do que a sua expressão de gênero ou de sexualidade. Uma das frases que mais

marca o papado de Francisco é justamente aquela que dá título a livro de sua autoria: “Quem sou eu para julgar?” O ensinamento dessa pergunta retórica permeia o exemplo de Cristo. O caso da mulher adúltera mencionado há pouco (João 8, 1-11) é apenas um de tantos exemplos.

Ferreira (2019), em sua dissertação de mestrado em Teologia, faz um paralelo muito pertinente entre um relato bíblico e a vida de pessoas transgêneres – e, também, de homossexuais. A passagem bíblica está, por exemplo, em terceira pessoa em Atos 9, 1-21, mas também em primeira pessoa em Gálatas 1, 11-17: Saulo, que perseguia os primeiros cristãos na região de Jerusalém, ouviu de Jesus: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” (Atos 9, 4). Esta experiência converteu Saulo, de forma súbita e imediata, em um exemplar cristão, que viria a ser conhecido pelo nome de São Paulo. Ferreira (2019) tem a esperança de que seu texto faça emergir o tão abafado grito das pessoas que, sem negar a sua condição, procuram viver os valores cristãos e um caminho de santidade: gritos de “por que nos perseguem?” a reverberar a voz de Jesus. Eis mais um exemplo de Cristo.

Além disso, Ferreira (2019), tal como fez Andreata (2021), apela para que revisitemos a Palavra e a Obra de Deus sem aplicarmos os preconceitos, as morais e os valores estabelecidos ao longo da expansão da Igreja. Nada diferente do que São Paulo aconselhou: “Não desprezem as profecias, mas ponham à prova tudo que é dito e fiquem com o que é bom” (1 Tessalonicenses 5, 20-21). Trata-se de um apelo reiterado por Francisco em *Gaudete et Exsultate*, 45:

Com frequência, verifica-se uma perigosa confusão: julgar que, por sabermos algo ou podermos explicá-lo com uma certa lógica, já somos santos, perfeitos, melhores do que a «massa ignorante». São João Paulo II advertia, a quantos na Igreja têm a possibilidade de uma formação mais elevada, contra a tentação de cultivarem «um certo sentimento de superioridade relativamente aos outros fiéis». Na realidade, porém, aquilo que julgamos saber sempre deveria ser uma motivação para responder melhor ao amor de Deus, porque «se aprende para viver: teologia e santidade são um binómio inseparável» (FRANCISCO, 2018).

Francisco (2018) continua, em *Gaudete et Exsultate*, 46, a apelar para a importância fulcral da misericórdia nesse contexto:

São Francisco de Assis, ao ver que alguns dos seus discípulos ensinavam a doutrina, quis evitar a tentação do gnosticismo. Então escreveu assim a Santo António de Lisboa: «Apraz-me que interpreteis aos demais frades a sagrada teologia, contanto que este estudo não apague neles o espírito da santa oração e devoção». Reconhecia a tentação de transformar a experiência cristã num conjunto de especulações mentais, que acabam por nos afastar do frescor do

Evangelho. São Boaventura, por sua vez, advertia que a verdadeira sabedoria cristã não se deve desligar da misericórdia para com o próximo: «A maior sabedoria que pode existir consiste em dispensar frutuosa e que se possui e que lhe foi dado precisamente para o distribuir (...). Por isso, como a misericórdia é amiga da sabedoria, assim a avareza é sua inimiga». «Há atividades, como as obras de misericórdia e de piedade, que, unindo-se à contemplação, não a impedem, antes favorecem-na».

Estas citações do Papa Francisco tratam de um chamado universal de Francisco à santidade, algo que, no entender de Flanagan (2018), é um apelo a que evoluamos como cristãos dia após dia, pois a santidade seria uma caminhada que nem sempre se completa, mas continuamente se executa. *Gaudete et Exsultate*, 45 e 46, fazem, respectivamente, um apelo à releitura constante da Palavra no campo da Teologia e uma espécie de referência ao chamado “princípio misericórdia”, frequentemente associado ao teólogo espanhol radicado em El Salvador Jon Sobrino. Palaoro (2022) explica o princípio misericórdia como estabelecendo que a vivência essencial cristã – que faz parte da caminhada rumo à santidade possível de que trata Francisco – exige atitudes de misericórdia e compaixão, uma vez que foi a misericórdia a mover toda a ação de Deus no Antigo Testamento e o exemplo de Jesus no Novo Testamento.

A partir desse conjunto de saberes, Ferreira (2019) aponta razões teológico-pastorais que exigem a escuta desses gritos de “por que nos perseguem?”, sendo uma delas a aplicação do princípio misericórdia, como postulou Francisco, como propôs Jon Sobrino. Uma das esperanças de Ferreira (2019) nesse contexto é a de que as igrejas cristãs possam oferecer, no lugar de uma palavra discriminatória, uma palavra inclusiva, que permita a cada fiel seguir em seu caminho rumo à santidade, tal como os Evangelhos orientam.

Os opositores desta visão alegam que a Bíblia condenaria tais posturas em seis passagens: Gênesis 19, 1-25; Levítico 18, 22; Levítico 20, 13; Romanos 1, 26-27; 1 Coríntios 6, 9; 1 Timóteo 1, 10. O Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Cazal e Reis (2021, p. 61-67) questiona tais interpretações com pertinência e fidelidade às boas práticas exegéticas. Ainda que o espaço do presente texto seja curto para a reprodução dos argumentos, é pertinente mencionar as suas categorias principais: tais trechos são mencionados em outras passagens da Bíblia e deles se extraem lições que não guardam qualquer relação com sexualidade; um ato de violência sexual é preconceituosamente indiferenciado de práticas consensuais; uma mesma expressão de conotação negativa é usada tanto em associação com práticas sexuais quanto, no mesmo

Livro, com comer peixes com escamas e outros atos cotidianos, comuns, banais, naqueles e em nossos tempos, o que leva a um questionamento do verdadeiro sentido com que a palavra fora empregada; outras dúvidas quanto à justa interpretação do texto bíblico. Esse conjunto de dados aponta para uma única certeza: a de que não existe qualquer passagem da Bíblia a condenar de forma inequívoca sexualidades e generidades alternativas. Tentativas de o fazer, portanto, soam, inevitavelmente, como perseguição gratuita a grupos minoritários.

Se o Manual de Cristianismo LGBTI+ desconstrói supostas passagens a condenar sexualidades e generidades alternativas, Andreato (2021, p. 215-256) ocupa-se de exaltar passagens bíblicas a reconhecer e exaltar o valor do prazer nas relações humanas. Entre elas, estão os galanteios na fonte de água, em Gênesis 24; referências poéticas de afeto e de amor erótico, em Salmos 45, Eclesiastes 9 e Cânticos 1-8; a força da natureza humana e a maior importância do Espírito ante a letra da lei nesse campo, em Romanos 7; e um tratado dos compromissos éticos da conjugalidade, em 1 Coríntios 7. Ainda que não tratem, por óbvio, de generidades ou de sexualidades alternativas, é preciso reconhecer que há passagens na Bíblia, não poucas, a reconhecer e a validar a fruição do prazer relacionado ao exercício da sexualidade e da generidade.

## **A OBRA DE DEUS REVISITADA**

Mesmo autores do campo da Teologia e das Ciências da Religião que reconhecem que “a sexualidade humana é boa, pois é obra do Criador”, como Zilles (2009, p.348), insistem em dimorfismos de sexo e de gênero. Ainda que predominem os sexos biológicos masculino e feminino, estes não são os únicos existentes na natureza. Quanto ao gênero, que, como o próprio Zilles (2009) reconhece, é um constitutivo antropológico, mais facilmente haveria de existir outras possibilidades para além do binarismo.

Como mostram Maciel-Guerra e Guerra-Júnior (2005), os sexos masculino e feminino são apenas os extremos de uma diversidade de apresentações naturais do corpo humano, havendo casos de ambiguidade genital, de sexo reverso e de disgenesia gonadal, com tais casos frequentemente sendo englobados em senso comum, mas também pela academia, pela expressão “intersexo”. Portanto, a intersexualidade orgânica, natural, existe, sendo, assim, parte da Obra de Deus. Ainda assim, como Santos (2013) aponta, a reflexão da noção de ser humano, até agora, vem excluindo o indivíduo intersexo em

diversos espaços, implicando desafios não somente no campo da religião, mas também desafios epistemológicos e políticos.

Pessoas intersexo estão entre as que mais costumam enfrentar dilemas quanto à construção e quanto ao exercício da sua generidade, como apontam Santos e Araujo (2004), mas não são as únicas. Porém, antes de avançar na questão, é preciso revisitar conceitos sobre a generidade. Dissemos há pouco que é um constitutivo antropológico, como se reconhece amplamente mesmo nas áreas das Ciências da Religião. Mas essa questão merece uma discussão mais acurada.

Há uma relação entre sexualidade e gênero, mas ela não é fixa. Como nos mostra Andreatta (2021, p. 8-9), a sexualidade não define o gênero pela biologia, mas por formas relacionais diversas. Diz este autor que o gênero é uma construção sociocultural, resultado de uma construção de natureza ontológica. E isto é importantíssimo. Fosse o gênero apenas uma construção sociocultural, desassociada da natureza do ser, quaisquer de suas supostas ou ditas “construções” poderiam ser tomadas como desvios ou pecados. O que se depreende de Andreatta (2021) é que não é este o caso. Tendo o gênero um alicerce ontológico, ele também é, diretamente, Obra de Deus. Não se recusa, portanto, as facetas de construção social, antropológica, da noção de gênero, mas há de se perceber que o seu alicerce é, sim, Obra de Deus.

Segundo Andreatta (2021, p. 18), tal como a religião é o objeto da expressão humana da fé, a identidade é o objeto da expressão humana do gênero. Identidade de gênero, diz-nos o Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Cazal e Reis (2021, p. 16), “corresponde às formas como as pessoas se reconhecem, se descrevem, se apresentam, e como desejam ser reconhecidas socialmente em relação ao gênero”. O texto ainda afirma que é possível assumir variadas identidades de gênero, tendo como base, alternativamente, uma das noções culturais binárias, seja de masculino ou de feminino, ou alguma combinação das duas, ou seja, uma identidade não binária. Note-se que o gênero de uma pessoa nem sempre corresponde àquele que se associa ao seu sexo biológico. Havendo tal correspondência, a pessoa é cisgênera. Em qualquer outra situação, ou seja, se não houver correspondência entre gênero e sexo biológico, reconhece-se a pessoa como transgênera.

De fato, confirma Andreatta (2021, p. 18), gênero e religião são categorias de determinação do ser humano, ambas construindo-se, desconstruindo-se e reconstruindo-

se, seja ao longo do processo civilizador, socialmente, seja ao longo da vida, no aspecto pessoal. Identidade de gênero e religião, assegura-nos Andreata (2021, p. 28) em outras palavras, “são potências da alma humana que se manifestam no corpo e no comportamento do indivíduo e que se atualizam em sua realização construtiva como ‘ato’ e ‘fato’ na história pessoal e social”. Ademais, diz Andreata (2021, p. 88),

“todas as instituições, todas as crenças, todos os valores e políticas vividos pelos povos e suas tradições são frutos da totalidade contínua dessa ‘cultura viva’ que amálgama (sic) e molda indivíduos e comunidades. Dessa forma nova de ver, não podemos considerar a sexualidade e o gênero fora da magia religiosa que liga indivíduo e comunidade à natureza como uma totalidade viva de sentido”.

Assim como algumas religiões minoritárias são vítimas do preconceito de muitas pessoas de religiões majoritárias, as pessoas transgêneres, que constituem uma minoria, frequentemente são vítimas de violento preconceito de muitas pessoas cisgêneres. Seria apenas mais uma associação entre gênero e religião para além da apontada por Andreata (2021) e reproduzida há pouco, não fosse o fato de que, em 2023, até março, nada menos que 69 projetos de lei – podendo ser mais – foram apresentados nas Casas Legislativas de todo o país para retirar direitos humanos de pessoas transgêneres, o que representa uma média de um por dia, incluindo fins de semana e feriados (Avelar, 2023). Não há nada minimamente similar em termos de perseguição por intolerância racial ou religiosa. Em 2022, foram 3.943 denúncias de violência contra a população LGBTQIA+ pelo canal Disque 100 (Brasil, 2023), com maior incidência proporcional contra pessoas transgêneres, enquanto as denúncias por intolerância religiosa, ainda que tenham mais que dobrado ante 2021, ficaram em 1.200 (Bernardo, 2023), menos de um terço.

O Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Cazal e Reis (2021, p. 42-44) retoma o cristianismo como religião de culpa, acrescentando dor, sofrimento e morte, apontando para passagens bíblicas de abnegação que teriam servido de apoio a este negativismo, como Mateus 16, 24. Mas se a religião exalta mais valores negativos como esses do que valores positivos como o prazer, a alegria e a vida, como fez Jesus em um número muito maior de passagens do Evangelho, seus seguidores podem passar a impor a mesma abnegação e o mesmo negativismo de outras pessoas, inclusive externas à Igreja, a um passo de exercer a violência contra essas pessoas. Na visão do referido Manual, é daí que emerge “uma profusão de violências, em diferentes níveis e dimensões”, sejam psicológicas ou mesmo físicas, contra pessoas LGBTI+.



Em função desse quadro, é muito importante trazer à tona o triste fato de que nem toda pessoa transgênera vive em expressão de gênero condizente com o seu desejo. É o caso, por exemplo, de uma mulher transgênera que, em função da pressão ou da necessidade social de apresentar-se em acordo com o seu sexo biológico, masculino, obriga-se à expressão de gênero masculina – roupas de gênero masculino, nome masculino etc. –, a despeito de isso representar a negação de seu próprio ser. É impossível não fazer um paralelo com os primeiros cristãos, tão duramente perseguidos, frequentemente até a morte. Muitos resistiram, vivendo em permanente risco. Outros tantos viram-se obrigados a negar Cristo para sobreviver, restando-lhes, porém, a angústia de não poder propagar a Palavra e o exemplo de Jesus. Qualquer cristão a perseguir quem quer que seja parece esquecer-se de que também os primeiros cristãos, como o próprio Cristo, foram alvo de intolerância, violência e morte. Aqui, sim, temos mais um comovente, mas doloroso, paralelo entre gênero e religião.

## **DISCUSSÕES COMPLEMENTARES**

Se Calligaris (2019b) enxerga o gnosticismo da Antiguidade como uma forma cristã de reconciliar o prazer com a fé, na contemporaneidade, Santos (2019) vê como local privilegiado dessa reconciliação as igrejas cristãs inclusivas, nas quais exercer sexualidades ou generidades alternativas não somente é incapaz de impedir o exercício da vida religiosa, como, ali, “uma sexualidade ou identidade de gênero dissidentes são percebidas como uma criação divina tão legítima como a cisgeneridade e a heterossexualidade” (p. 114), em consonância com as ideias que permeiam o presente trabalho.

O Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Cazal e Reis (2021, p. 88-92) reconhece três formas de abertura cristã à comunidade LGBTI+, comunidade que inclui as pessoas que vivem as transgeneridades: além da Igreja inclusiva, que se opõe à cisgeneridade compulsória, mas não discute alternativas à norma, haveria a Igreja receptiva, ainda menos aberta, já que busca ignorar a realidade ou apoiar-se no discurso de que “Deus odeia cada pecado, contudo, ama cada pecador”, e também a Igreja afirmativa (das diferenças). Esta última seria a mais aberta das três, já que busca repensar as relações humanas, não se furtando a conversar sobre as singularidades do campo e reconhecer as diferenças em amor. Trata-se de Igreja a propor novos ritos, novas liturgias

em solidariedade, sugerindo alicerces mais cristãos à experiência cristã. Os três tipos de iniciativas de acolher e, às vezes, reconhecer a diversidade sexual e de gênero nas mais diversas denominações cristãs remonta aos anos 1960.

A mesma referência, o Manual de Cristianismo e LGBTI+ organizado por Cazal e Reis (2021, p. 34), levanta algumas discussões sobre o movimento oposto, de exclusão de pessoas LGBTI+ das igrejas cristãs. Uma delas é a de que os cristãos que agem como os perseguidores de Cristo estabelecem, com base em seus próprios preconceitos, que os dissidentes das normas rígidas de sexualidade e gênero violam a ordem natural e buscam apenas prazer por prazer. Inexiste, nestas condutas, violação da ordem natural porque a natureza, Obra de Deus, valida tais posturas, especialmente de transgeneridades, em outras espécies (Chiaretti, 1995; Mascarelli, 2020; Santos; Silva, 2019, p. 166-167). E a busca do prazer é um imperativo humano que não se opõe à fé cristã, como validado por diversos argumentos ao longo da obra de Andreata (2021).

Este último autor, porém, faz apenas um alerta, que ele reputa associado às éticas gregas e que considera ainda válido: o fato de que o valor do prazer deve advir de uma ética de alteridade, bem como de uma subjetividade humanística (Andreata, 2021, p. 211). Para este autor, com o qual concordamos, o prazer sem alteridade não somente desrespeita, abusa, mas destrói a dignidade do ser humano. Mas este prazer antiético, evidentemente, não deve ser associado exclusivamente às sexualidades e generidades alternativas, sendo encontrado igualmente em relações heterossexuais entre pessoas cisgêneres: estupros maritais, reificação de pessoas por meio de aplicativos de relacionamento, entre outras tantas formas de diminuição da condição humana do outro em prol de um prazer egoísta. Portanto, aqui, também, não se sustentam os preconceitos daqueles que querem perseguir e excluir pessoas LGBTI+ das igrejas cristãs.

À dicotomia mencionada por Santos (2019) entre tentativa de regulação dos corpos que se infiltra na prática cristã e os modos de existir que resistem a esse movimento, desafiando essas interdições, Hutchins (2001) acrescenta uma tentativa de explicação. Para esta última autora, o que as pessoas que exercem sexualidade e/ou generidade alternativas supostamente ameaçam nas religiões cristãs é a noção de que categorias de identidade são fixas, ou seja, estas pessoas desestabilizariam a metafísica da substância por meio do discurso e da prática chamada *queer*.

Hutchins (2001) avança na questão indicando que as rupturas ou exposições metafísicas associadas ao discurso *queer* carregam, moldam e produzem tanto desespero quanto esperança. Afinal, para esta autora, se ser religioso, se ser humano, é estar inescapavelmente contido em uma realidade histórica e cultural, como já colocou Andreata (2021), então pode ser desesperador perceber a inseparabilidade de nossas vidas dos locais e hábitos institucionais que violentamente constroem corpos, pensamentos e relações. Porém, ao mesmo tempo, a autora crê que, talvez, também, a agitação em torno das vidas *queer* sinalize uma esperança para além do medo religioso de ver seus dogmas cedendo, e mesmo para além de um mero cessar-fogo entre as partes, quando visões de mundo distorcidas começam a ser expostas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como conclui Andreata (2021, p. 191), o espírito de liberdade exige respeito à pessoa, a seu corpo, a sua cultura, a sua orientação de gênero e de sexualidade, no contexto de sua fé e de sua religião. Não se pode exigir da pessoa nada que implique radical mudança de estilo de vida. Andreata (2021, p. 191) enfatiza com precisão: imposições de mudança de vida inexistem em qualquer parte do Evangelho; ao contrário, aquelas Escrituras sempre fazem apelo em prol da compreensão e da liberdade de aceitação para a adesão à fé cristã.

Andreata (2021, p. 215) nos mostra que novas reflexões teológicas sobre a Palavra e a Obra de Deus não busca desqualificar opiniões, mas rever sentidos. Afinal, a dogmática sustenta a Teologia, mas, ao fazê-lo, não pode negar valor e dignidade à vida humana autêntica. Os caminhos possíveis para isso são, na teoria, releituras da Bíblia sob uma hermenêutica mais próxima da Obra de Deus, mais positiva, mais preocupada com aceitar formas de vivência éticas, de respeito à alteridade, autênticas, favoráveis ao amor humano nas duas mais diversas formas, enfim, mais preocupadas com o ser humano e sua essência ôntica; na prática, a adoção de novas abordagens eclesiológicas e pastorais, que não somente recebam ou incluam, mas afirmem, sem qualquer margem de dúvida, a aceitação de Cristo quanto a todos os aspectos que vêm do âmago do ser humano.

Ao revisitarmos a Obra de Deus por meio da ciência, foi possível perceber que as transgeneridades e as intersexualidades também existem em outras espécies, e que alguns elementos das transgeneridades são ônticos. A conclusão que decorre daí é a de que, se

as transgeneridades são naturais, então, são obras do Criador e, portanto, são aceitas e acolhidas por Ele. Porém, como também se discutiu, aqui e na obra de Kreuz (2020), muitos outros elementos da expressão de gênero são meramente culturais – vestuário, gestual, entre tantos outros elementos – e, se assim são, podem fazer parte da moral humana, mas nunca haverão de ser exigências da fé cristã, fé que está em um patamar superior, à altura do divino.

Obviamente, este trabalho é insuficiente para uma mudança permanente e em massa da mentalidade de uma fração dos cristãos. Adaptando o que Leers (1988) falou sobre homossexuais, é preciso reconhecer a permanência da resistência de alguns cristãos ao encontro mutuamente humano com o diferente, mesmo que a racionalização teológica seja eficaz e, com isso, a suposta rejeição de Cristo às transgeneridades seja desmantelada na teoria. A transfobia agressiva e tudo o que a acompanha continuarão; fatores irracionais que funcionam no relacionamento com os outros persistirão e, talvez, sequer sejam reconhecidos pelos seus portadores; mudanças de cultura, de atitudes, de relação de alteridade, sofrerão com a lentidão que lhe é característica. Leers (1988) segue, mostrando que mesmo em ambiente urbano, mais anônimo, de maior tolerância cultural, há sempre o risco de preconceito. Mesmo que seja de resultado pequeno e lento, a revisão dos fundamentos da Palavra e da Obra de Deus, como foi feita no presente texto, é ação eficaz e precisa continuar a ser feita por muitos outros especialistas da Teologia e das Ciências da Religião, em prol de um cristianismo que efetivamente seja cristão, que seja fiel aos desígnios de Deus e aos exemplos de Cristo, com todos e para todos.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRINA da Silva, Roberta. Das comunidades a Roma: o feminino nas comunidades gnósticas e o processo de segregação sexual entre os proto-ortodoxos (séculos I-IV). **Romanitas**: Revista de Estudos Grecolatinos, n. 6, p. 39-57, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/11969>. Acesso em: 1 nov.2023.

ANDREATA, Ocir de Paula. **Religião, gênero e sexualidade**: fundamentos para o debate atual. Curitiba: InterSaberes, 2021.

AVELAR, Dani. Brasil tem um novo projeto de lei antitrans por dia, e 'efeito Nikolas' preocupa. **Folha de S.Paulo**, 20 mar.2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/brasil-tem-um-novo-projeto-de-lei-antitrans-por-dia-e-efeito-nikolas-preocupa.shtml>. Acesso em: 1 nov.2023.

BERNARDO, André. 'Liberdade religiosa ainda não é realidade': os duros relatos de ataques por intolerância no Brasil. **BBC News Brasil**, 29 jan.2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64393722>. Acesso em: 1 nov.2023.

BEUREN, Ilse Maria. Trajetória da construção de um trabalho monográfico em contabilidade. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

BÍBLIA Online. **Nova Versão Transformadora**. 2023. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvt>. Acesso em: 1 nov.2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. **Painel de Dados**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/painel-de-dados>. Acesso em: 1 nov.2023.

CALLIGARIS, Contardo. Texto de Santo Agostinho criou a culpa cristã frente ao sexo, afirma autor. **Folha de S.Paulo**, 28 set.2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2017/09/1922287-texto-de-santo-agostinho-criou-a-culpa-crista-frente-ao-sexo-afirma-autor.shtml>. Acesso em: 1 nov.2023.

CALLIGARIS, Contardo. A sexualidade de Jesus. **Folha de S.Paulo**, 19 dez.2019a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2019/12/a-sexualidade-de-jesus.shtml>. Acesso em: 1 nov.2023.

CALLIGARIS, Contardo. A festa de Natal. **Folha de S.Paulo**, 26 dez.2019b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2019/12/a-festa-de-natal.shtml>. Acesso em: 1 nov.2023.

CAZAL, Simón; REIS, Toni (Orgs.). **Manual de Cristianismo e LGBTI+**. Curitiba: IBDEX, 2021. Disponível em: <https://aliancalgbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-cristianismo-gay-latino-version-2022-01-25.pdf>. Acesso em: 1 nov.2023.

CHIARETTI, Marco. Macho, mas por pouco tempo: os peixes mudam de sexo. **Superinteressante**, 18 fev.1995. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/macho-mas-por-pouco-tempo-os-peixes-mudam-de-sexo>. Acesso em: 1 nov.2023.

DE TOMMASO, Wilma Steagall. Maria Madalena nos textos apócrifos e nas seitas gnósticas. **Último Andar**, n.14, p.48-59, jun.2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/12896>. Acesso em: 1 nov.2023.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Séfora: a mulher proativa que livra o homem da morte (Ex 4,24-26). **Revista de Cultura Teológica**, n.86, p.59-84, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.19176/rct.v0i86.26038>. Acesso em: 1 nov.2023.

FERREIRA, Edi Gomes. **Comunidades cristãs: eco da voz de Jesus - o desafio da inclusão homossexual e transexual à luz do chamado de Paulo o Apóstolo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22611>. Acesso em: 1 nov.2023.

FLANAGAN, Brian. In 'Gaudete et Exsultate,' Francis calls us on journey of 'small holiness'. **National Catholic Reporter**, 12 abr.2018. Disponível em: <https://www.ncronline.org/opinion/guest-voices/gaudete-et-exsultate-francis-calls-us-journey-small-holiness>. Acesso em: 1 nov.2023.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Gaudete Et Exsultate**. 2018. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html). Acesso em: 1 nov.2023.

GIUMBELLI, Emerson. Apresentação. In: GIUMBELLI, Emerson (Org.). **Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GUDORF, Christine E. The erosion of sexual dimorphism: challenges to religion and religious ethics. **Journal of the American Academy of Religion**, v.69, n.4, p.863-891, dez.2001. Disponível em: <http://doi.org/10.1093/jaarel/69.4.863>. Acesso em: 1 nov.2023.

HERÁCLITO. Fragmento 102. In: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. **Os Pensadores Originários**. Tradução: Emmanuel Cameiro Leão; Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

HUTCHINS, Christina K. Holy ferment: queer philosophical destabilizations and the discourse on lesbian, gay, bisexual, and transgender lives in Christian institutions. **Theology & Sexuality**, v.15, p.9-22, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/135583580100801502>. Acesso em: 1 nov.2023.

IGREJA Anglicana diz que não há problema em ser solteiro pois Jesus também era. **Folha de S.Paulo**, 27 abr.2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/04/igreja-anglicana-diz-que-nao-ha-problema-em-ser-solteiro-pois-jesus-tambem-era.shtml>. Acesso em: 1 nov.2023.

KREUZ, Silvia Mara Camargo. A homossexualidade na concepção da religiosidade: identificando a origem do discurso fundamentalista religioso e sua influência na sociedade civil. In: VIANA, Ana Cristina Aguilar; BERTOTTI, Bárbara Mendonça; GITIRANA, Julia Heliodoro Souza; KREUZ, Letícia Regina Camargo; COSTA, Tailaine Cristina (Orgs.). **Pesquisa, Gênero & Diversidade: memórias do III Encontro de Pesquisa por/de/sobre Mulheres**. Curitiba: Íthala, 2020. Disponível em: <https://www.ithala.com.br/wp-content/uploads/2020/04/ebook-pesquisa-genero-e-diversidade-volume-2.pdf>. Acesso em: 1 nov.2023.

LEERS, Bernardino. Homossexuais e Ética da Libertação: uma caminhada. **Perspectiva Teológica**, v.20, n.52, p.293-316, 1988. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1669>. Acesso em: 1 nov.2023.

LLAMBÍAS, Felipe. Quando e por que o cristianismo abandonou a circuncisão e o judaísmo, não? **Uol Notícias**, 4 fev.2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2023/02/04/quando-e-por-que-o-cristianismo-abandonou-a-circuncisao-e-o-judaismo-nao.htm>. Acesso em: 1 nov.2023.

MACIEL-GUERRA, Andréa T.; GUERRA-JÚNIOR, Gil. Intersexo: entre o gene e o gênero. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v.49, n.1, fev.2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0004-27302005000100001>. Acesso em: 1 nov.2023.

MASCARELLI, Amanda Lee. Flexibilização de gênero nos animais. **Amarello**, out.2020. Disponível em: <https://amarello.com.br/2020/10/cultura/flexibilizacao-de-genero-nos-animais>. Acesso em: 1 nov.2023.

PALAORO, Adroaldo. “Princípio Misericórdia”: amor em excesso. **CNBB Catequese do Brasil**, 19 fev.2022. Disponível em: <https://www.catequesedobrasil.org.br/noticia/-principio-misericordia-amor-em-excesso-19022022-221353>. Acesso em: 1 nov.2023.

PERES, Caio. Mateus 19 e a Nova Humanidade do Reino de Deus. **Medium.com**, 28 jul.2021. Disponível em: <https://medium.com/bodega-b%C3%ADblica/minha-b%C3%ADblia-e-meus-amigos-lgbtqia-mateus-19-e-a-nova-humanidade-do-reino-de-deus-702c6e46182a>. Acesso em: 1 nov.2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Pesquisa Científica. In: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 1 nov.2023.

SANTOS, Ana Lúcia. Para lá do binarismo? O intersexo como desafio epistemológico e político. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.102, p.3-20, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5421>. Acesso em: 1 nov.2023.

SANTOS, Lucas Vinicius Oliveira dos. “Somos uma igreja como qualquer outra”: modelo de santidade e dissidências sexuais e de gênero em uma igreja inclusiva de Salvador. **Revista Sociologias Plurais**, v.5, n.2, p.113-132, dez.2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/71031/40194>. Acesso em: 1 nov.2023.

SANTOS, Moara de Medeiros Rocha; ARAUJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de. Intersexo: o desafio da construção da identidade de gênero. **Revista da SBPH**, v.7, n.1, jun.2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=s1516-08582004000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=s1516-08582004000100003&script=sci_arttext). Acesso em: 1 nov.2023.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Ensino de Biologia e transexualidade. **Ensino em Revista**, v.26, n.1, p.147-172, jan./abr.2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ER-v26n1a2019-7>. Acesso em: 1 nov.2023.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Religiões, cristianismo e a busca de uma terra habitável. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v.8, n.1, p.129-149, jan./abr.2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.08.001.ao01>. Acesso em: 1 nov.2023.

ZILLES, Urbano. Visão cristã da sexualidade humana. **Teocomunicação**, v.39, n.3, p.336-350, set./dez.2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/7693>. Acesso em: 1 nov.2023.

### COMO CITAR

NASS-PERDIGÃO, Larissa Michelle.; IPOLITO, Michelle Zampieri. Aspectos relevantes a uma abordagem cristã das transgeneridades. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.6, n.2, p. 279-302, 2023.